

Brasileiro sofre com mal crônico

Juliana Anselmo da Rocha

Doenças do aparelho circulatório, câncer e violência são as três maiores causas de morte no Brasil. Dados do *Saúde Brasil 2006*, do Ministério da Saúde, revelaram que mais de 550 mil brasileiros foram vitimados em 2004 por esses males. Independente da causa, homens têm três vezes mais chances que as mulheres de morrer.

Otaliba Libânia de Moraes Neto, diretor do Departamento de Análise de Situação de Saúde, esclarece que o país passa por um momento de "transição epidemiológica", com a diminuição do número de mortes por doenças parasitárias e infecciosas e o aumento das doenças crônicas, como diabetes e hipertensão.

— É uma tendência do desenvolvimento. O país cresce, sua população envelhece. Deixam de prevalecer as carências nutricionais e ganham importância as doenças crônicas e não transmissíveis — explica.

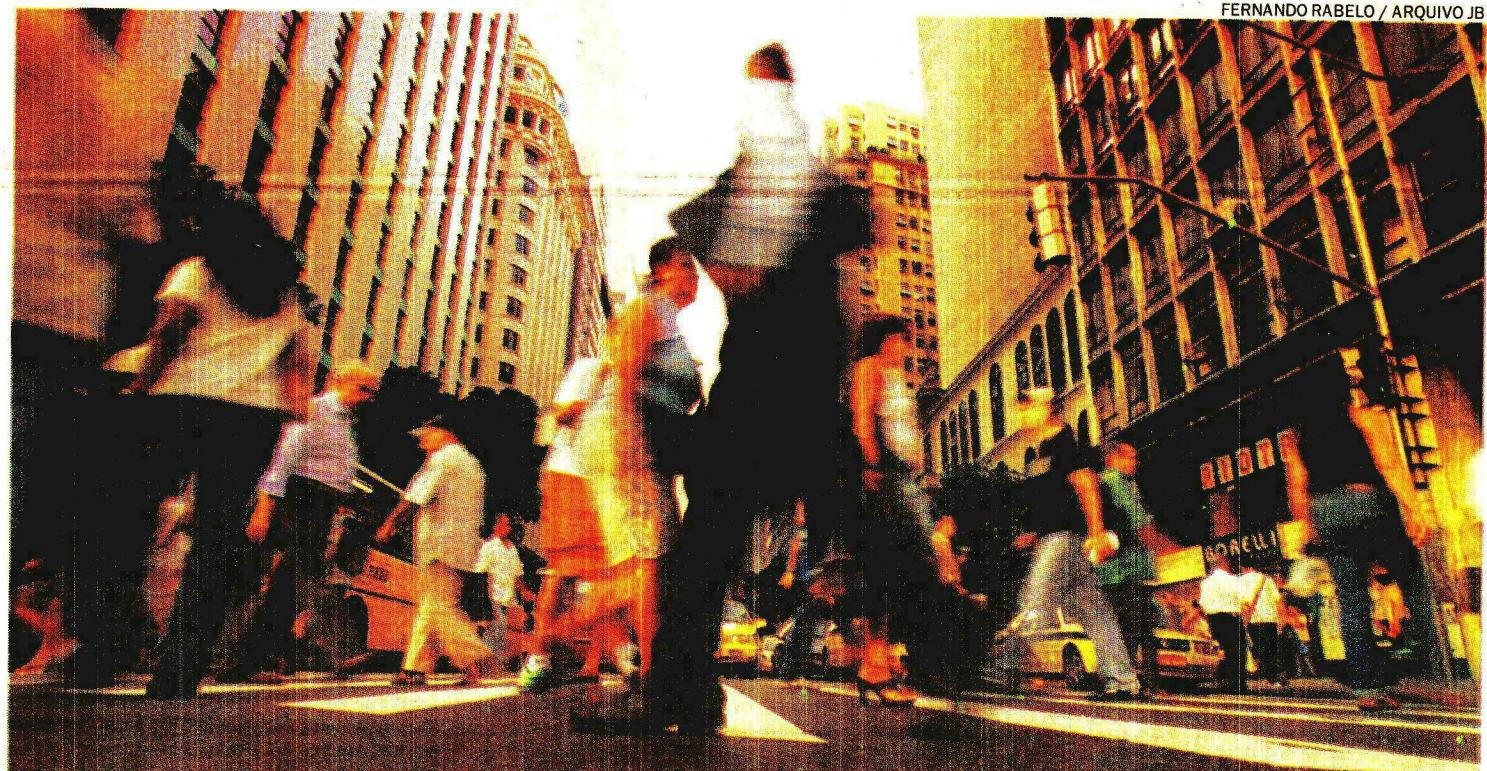
As doenças crônicas são todas relacionadas ao estilo de vida.

— São provocadas pela exposição ao estresse, excesso de trabalho e por fatores de risco como tabagismo, sedentarismo e obesidade — completa Neto.

Dos brasileiros mortos em 2004, 62,8% foram vitimados por doenças crônicas. Desses, 27,9% apresentavam problemas cardiovasculares e 13,6%, câncer.

— Causas externas, como acidentes de trânsito e violência, também são significativas. Responderam por 11,3% das mortes — diz Neto.

As doenças cerebrovasculares lideram o ranking das mortes causadas por problemas no aparelho circulatório, com 90.930 casos. Em se-



FERNANDO RABELO / ARQUIVO JB

Segundo pesquisa do Ministério da Saúde, seja por violência ou doenças, homens têm três vezes mais chances de morrer que mulheres

gundo lugar, aparecem as doenças isquêmicas do coração, com 86.791 casos e em terceiro o infarto do miocárdio, com mais de 65 mil casos.

Das mortes causadas por tumores, destacam-se os da traquéia,

importância para determinados grupos populacionais, no caso, mulheres e homens, e requerem atenção especial dos sistemas de saúde — avalia José Luiz Riani, do Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS.

Neto destaca que o país tem um perfil de mortalidade peculiar. Embora no período de transição epidemiológica, doenças parasitárias e infecciosas ainda são um desafio.

— Malária, dengue e Aids ainda têm alta prevalência no país.

Na região Norte, no Maranhão e Mato Grosso, onde a malária é en-

dêmica, são, em média, 530 mil novos casos anuais. Já a dengue, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, até março desse ano atingiu 7.290 cidadãos fluminenses.

A Aids, que tem crescido entre mulheres e heterossexuais, faz parte da vida de 170 mil brasileiros.

Comparado aos índices de mortalidade dos países desenvolvidos, chama a atenção o número de mortes por atos violentos. Agressões e armas de fogo vitimaram 85.487 pessoas em 2004. Já os acidentes de trânsito roubaram a vida de 35.674 brasileiros.

Os suicídios aparecem na terceira colocação, tendo sido cometidos por 8 mil brasileiros naquele ano.

— Isso só reafirma a necessidade de políticas para a redução da violência. É uma causa de morte previsível — diz Neto.

As causas externas atingem até 5,4 vezes mais os homens que as mulheres, e são mais comuns no Centro-Oeste. Sul e Sudeste registram mais mortes por doenças crônicas e o Norte e Nordeste por males não definidos, sejam por ineficiência na atribuição dos sintomas ou acidentes.

Mudança do clima afetará saúde

■ BRUXELAS. Na véspera do Dia Mundial da Saúde, celebrado hoje, a OMS advertiu que a mudança climática causará um aumento dos casos de má nutrição e doenças respiratórias e infecciosas, especialmente nas crianças.

Além disso, mais mortes seriam provocadas por doenças e ferimentos adquiridos por consequência de fenômenos meteorológicos extremos, como tempestades e ondas de calor. Em comunicado, a OMS cita como "primeiro exemplo alarmante" a morte de 35 mil pessoas na Europa por causa da onda de calor de 2003.

Óbitos por doenças diarréicas e cardiorespiratórias também aumentarão com as concentrações crescentes de ozônio na atmosfera, alertou o organismo internacional.

A boa notícia é a diminuição do número de mortos por exposição ao frio.

Em paralelo ao lançamento da segunda parte do relatório sobre mudanças climáticas, a ONU fez um apelo por mais investimentos e cuidados com a saúde.

Segundo uma pesquisa da entidade, a África é o continente que menos investe em saúde. De acordo com o estudo realizado em 177

nações, países africanos ocupam 28 dos 31 últimos lugares do ranking de gastos públicos no setor.

A República Democrática do Congo e o Burundi são os países que menos investem, canalizando para a saúde apenas 0,7% do seu PIB. Na África Subsaariana, a Etiópia destina 3,3%, Djibuti investe 3,8% e o Lesoto 4,1%.

Na Europa estão países cujos governos mais gastam com cuidados médicos. A Noruega lidera o ranking do continente, com 8,6% do PIB dedicado à saúde.

A análise aponta Cuba como

Na véspera do Dia Mundial da Saúde, celebrado hoje, ONU pede mais dinheiro para o setor

o país com mais médicos, com 591 para cada 100 mil habitantes. Na Europa, Argentina e Uruguai, a média é de 300 a 400 profissionais. Nos EUA, 256.

A Indonésia é o país asiático que destina mais dinheiro (4,5% do PIB) para a saúde, enquanto a China é o que o que menos investe (2,41% do PIB).

Com um gasto de 6,42% do PIB, a República Dominicana é o país da América Latina que mais investe no setor, seguido do Peru (5,11%), Argentina (3,5%) e Paraguai (3,4%).